

Qualidade de vida em espaços livres de campi universitários: Uma abordagem teórica

Bruna Ramalho SARMENTO
Contato: brunarsarmento@hotmail.com

Linha de pesquisa: Morfologia, Usos e Percepção do Ambiente

1 INTRODUÇÃO

Questão essencial para toda a humanidade, a qualidade de vida (QV) é tema corrente em muitos estudos, embora seja um conceito em mudança, pois o que em certo momento satisfaz, em outro se torna insuficiente, e a cada dia a população aspira por novas/melhores condições de saúde, educação, saneamento, segurança, mobilidade, acessibilidade, sustentabilidade, etc. Nesse contexto tem crescido a preocupação com os espaços livres em áreas urbanas, atualmente reduzidos a sobras de terrenos entre edificações e pouco atrativos aos potenciais usuários.

Neste resumo, assim como no projeto de pesquisa da tese (título provisório: Qualidade de vida no sistema de espaços livres em campi universitários após o REUNI: Um estudo sob a ótica da Avaliação Pós-Ocupação) do qual este texto é parte, o interesse recai sobre os

espaços livres no ambiente universitário, aqui entendido como um recorte do espaço urbano, mas mantendo suas qualidades e características.

No Brasil os campi de universidades públicas proliferam a partir da década de 1960/70, se desenvolveram lentamente e hoje (2008-2012) enfrentam mudanças surgidas a partir de um novo contexto sócio-político educacional, com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Esta política de expansão universitária visa garantir maior acesso ao ensino superior e, além do aumento do número de estudantes, promove, dentre outras ações, a ampliação da estrutura física das cidades universitárias, causando modificações nos seus campi que podem incidir sobre a QV de alunos, professores, funcionários e visitantes.

A partir de um olhar inicial sobre os campi que aderiram ao REUNE em sua primeira chamada, ou seja, desde 2007, levantam-se algumas questões, dentre as quais neste *paper* destacamos a compreensão de conceitos relevantes para o entendimento da ação do REUNI sobre as áreas livres de campi universitários.

2 OBJETIVO

Em se tratando de um trabalho ainda em fase inicial (primeiro ano de doutorado), este resumo tem como objetivo traçar um breve panorama do estado da arte sobre os principais conceitos relacionados à temática em estudo e que permitam uma discussão inicial da melhoria da qualidade de vida (QV) em cidades universitárias situadas no Nordeste Brasileiro.

3 METODO

A elaboração deste estado da arte recorreu à pesquisa bibliográfica, a fim de compreender o papel do sistema de espaços livres no espaço urbano para a QV da população usuária de instituições públicas de ensino superior. Para tanto foram abordados os temas espaço urbano, campus universitário, espaços livres e qualidade de vida (ver itens a seguir), trabalhados a partir de sua inserção como palavra-chave em sites institucionais e da leitura de material bibliográfico (digital e impresso).

4 CONCEITOS TRABALHADOS

Os conceitos aqui abordados são de fundamental importância para a proposta da tese, uma vez que subsidiarão a definição das variáveis a investigar.

Espaço Urbano

Visto como um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si (CORRÊA, 1989), o espaço urbano pode apresentar áreas atrativas para o bem-estar social, mas também excludentes; fruto de ações acumulativas de uma acelerada urbanização (SANTOS, 2009).

De modo específico no Brasil a população é cada vez mais urbana – fato que acarreta intervenções físicas na cidade, que nem sempre reflete uma articulação ponderada dos interesses sociais, econômicos e políticos da sociedade.

Sob o ponto de vista ligado à percepção ambiental, Lynch (2007, 1960) entende que a cidade atende aos propósitos humanos ao longo do tempo, de modo que a qualidade ambiental, ou seja, “a rica textura da forma e do significado da cidade”, decorre do efeito conjunto do local e da sociedade que o ocupa.

Baseado nesse contexto, Cavalcanti (2001, *apud* SANTOS, 2009) afirma que para a compreensão da cidade e da produção do espaço é necessário entender o desenho da cidade associado a fatores econômicos e a

todas as esferas da vida social: cultural, simbólica, psicológica, ambiental e educacional.

Campus Universitário

Entendidos como espaços urbanos – devido a sua configuração, extensão e organização; têm sua origem na Idade Média, em uma estrutura fundamentada na Igreja Católica, com uma postura de isolamento em relação à cidade. No século XIX a universidade se abre para a cidade mediante a criação de faculdades isoladas. E somente no século XX as universidades se integram em um único território, as Cidades Universitárias.

No Brasil, as primeiras universidades datam do período entre 1920-1930. No entanto, somente o período entre 1960-1970 marca o surgimento de grande parte das universidades existentes no país hoje.

As universidades brasileiras, ao longo dos últimos anos, têm protagonizado um enorme esforço de investimento em instalações, em especial na final da última década, quando as instituições de ensino superior passaram por um crescimento físico e populacional resultado de uma política assumida de crescimento continuado, o Programa REUNI. No entanto, após a concretização deste, com a estabilização do crescimento e da consolidação dos projetos previstos, deverá surgir um processo onde o acréscimo de dimensão deverá dar lugar ao acréscimo de qualidade, visto que, segundo

Rodrigues (2007), a qualidade dos projetos de ensino passa também pela qualidade dos espaços onde estes se desenvolvem. Neste quadro, e no que diz respeito aos espaços e infraestrutura física, o autor afirma que devem ser consideradas duas vertentes: os investimentos em infraestrutura e edifícios; e a QV nos campi.

Espaços Livres

Magnoli (2006, 1982) define espaço livre como todo espaço não ocupado por um volume edificado, localizado ao redor das edificações, que as pessoas têm acesso. E podem ser classificados em (SÁ CARNEIRO, MESQUITA, 2000):

- Espaços privados - uso unifamiliar ou de uma coletividade específica, como condomínios residenciais e clubes;
- Espaços públicos - abertos à população, sob condições pré-estabelecidas pelo poder público;
- Espaços de domínio público e/ou privado - unidades de conservação, campi universitários, cemitérios.

Já o Sistema de Espaços Livres (SEL) é formado pelo conjunto/articulação entre tais espaços, sendo sua presença uma condição básica para a existência de toda e qualquer cidade.

Segundo Romero e Ornstein (2003), os espaços livres devem oferecer a seus usuários uma qualidade

ambiental digna da dimensão de sua cidadania, uma vez que, oportunizar espaços voltados ao lazer, contemplação e as atividades físicas contribui para a QV da população.

Qualidade de Vida

Vista como uma concepção multidisciplinar a QV abrange questões relacionadas com o ser humano, sua cultura e o seu meio, em diversas áreas de conhecimento (ALMEIDA *et al*, 2012). Tal definição sugere a dificuldade em reconhecer um conceito único sobre o tema. No entanto, Mendes (1999) indica alguns aspectos que tem se destacado entre os estudiosos: a consagração do seu caráter multidimensional e sua separação entre dimensões:

- Dimensão subjetiva: sentimentos, analisados por meio de questões sobre satisfação ou felicidade;
- Dimensão objetiva: aspectos tangíveis, diretamente verificáveis.

Complementando essa ideia, Tubino (2002, *apud* ALMEIDA *et al*, 2012, p.21) afirma que existe uma congruência entre essas dimensões, uma vez que “nenhuma análise sobre QV individual poderá ser

desenvolvida sem uma contextualização na qualidade de vida coletiva”.

Adaptando essa questão ao conceito de qualidade de vida urbana, Mendes (1999) indica que a qualidade de vida pode ser descrita por domínios ou dimensões, associados a aspectos de vida na cidade, que podem ser descritos por indicadores objetivos ou subjetivos combinados de forma ponderada em uma base subjetiva, de modo a se obter uma definição da qualidade de vida urbana.

Desse modo, pode-se dizer que um dos fatores essenciais da QV urbana está na qualidade do espaço urbano, que, por sua vez, está seriamente relacionado à configuração física do espaço livre (MAGNOLI, 2006). Reportando esta definição para campi universitários, Rodrigues (2002) aponta que a QV urbana deve estar em harmonia com os anseios de bem estar da comunidade universitária, proporcionando motivação e prazer no desenvolvimento de suas atividades, em um ambiente com condições dignas para o trabalho e pesquisa.

Em seguida, destacam-se, sinteticamente, quatro estudos que utilizaram dimensões/indicadores, tanto objetivos quanto subjetivos, para avaliar qualidade de vida em áreas urbanas (Tabela 1).

Tabela 1: Dimensões e indicadores para a qualidade de vida urbana, propostos por alguns estudiosos. Fontes: RODRIGUES (2007); VELOSO, ELALI (2006); MENDES (1999).

REFERÊNCIAS	DIMENSÕES	INDICADORES
MENDES (1999)	Clima	Índice climático de inverno; Índice climático de verão; Índice pluviométrico.
	Comércio e Serviços	Bancos; Comércio; Desporto; Ensino superior; Museus; Saúde; Segurança social.
	Criminalidade	Taxa de crimes contra pessoas; Taxa de crimes contra o patrimônio; Taxa de crimes contra a vida em sociedade.
	Desemprego	Taxa de desemprego registrado.
	Habitação	Custo de aquisição por m2 de área útil; Custo de arrendamento por m2 de área útil.
	Mobilidade	Nº de autocarros por 1000 habitantes; Nº de veículos por Km de rede viária; Vendas de combustíveis por Km de rede viária; Densidade viária; Tempo agregado de deslocamento entre cidades.
	Patrimônio	Nº de monumentos nacionais e patrimônio mundial; Nº de imóveis de interesse público.
	Poder de Compra	Poder de compra da cidade X poder de compra do país.
	Poluição	Qualidade do ar; Qualidade da água; Ruído.
VELOSO E ELALI (2006)	Socioeconômica	Renda
	Individual	Gênero; Idade; Experiência na cidade; Origem; Escolaridade; Trabalho; Moradia.
	Ambiental	Luminosidade; Paisagem natural; Qualidade do ar; Ventilação natural; Tamanho da cidade; Aparência da cidade; Temperatura; Qualidade da água; Arborização; Paisagem construída; Iluminação noturna; Pavimentação; Limpeza urbana; Oferta de praças; Saneamento básico; Ruídos.
RODRIGUES (2007)	Ambiente	Ruído ambiental; Qualidade do ar; Recolha de resíduos.
	Segurança	Criminalidade; Vigilância; Combate a incêndios; Exercício de segurança.
	Mobilidade e Estacionamento	Nível de acessibilidade; Nível de acessibilidade para deficientes; Rede rodoviária interna; Rede pedonal interna; Raio de acessibilidade pedonal; Raio de acessibilidade de deficientes; Oferta de estacionamento; Transportes públicos; Nível de serviço do eixo campus-cidade.
	Espaço Urbano	Zoneamento funcional; Mobiliário urbano; Sinalização interna; Obras no campus.
	Serviços de Apoio	Restauração; Comércio; Serviços; Lazer e Cultura; Desporto.
GEHL (2013)	Proteção	Proteção contra o tráfego de acidentes; Proteção contra o crime e a violência; Proteção contra experiências sensoriais desconfortáveis.
	Conforto	Oportunidades para caminhar; Oportunidade para permanecer em pé; Oportunidades para sentar-se; Oportunidades para ver; Oportunidades para ouvir e conversar; Oportunidades para brincar e praticar atividade física.
	Escala	Escala; Oportunidade de aproveitar os aspectos positivos do clima; Experiências sensoriais positivas.

Tais pesquisas se mostram essenciais na definição do método de pesquisa da tese, uma vez que, serão identificados dentre as dimensões, e conseqüentemente nos indicadores, quais apresentam maior proximidade de avaliação a ser aplicado no universo pesquisado. Pretendendo-se ainda o acréscimo de outros indicadores, a exemplo de adaptabilidade, atratividade, vitalidade, tranquilidade, dentre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma ampla, até o momento, entende-se a cidade universitária como um espaço propício às práticas de convívio e lazer da população usuária, e, portanto, à sua QV – elemento fundamental para aprimorar o aprendizado/rendimento, e conseqüentemente os tão almejados índices de permanência e aprovação. Ressalta-se ainda a possibilidade dos campi assumirem seu papel (social e pedagógico) como espaços de excelência e exemplo de boas práticas, tendo em vista o manancial técnico e crítico daqueles que os ocupam. Resta saber se (e como) esta oportunidade está sendo aproveitada, o que espera-se descobrir nos próximos passos da pesquisa.

Na continuidade do desenvolvimento da tese, o estudo empírico terá como recorte espacial os campi das Universidades Federais da Paraíba (UFPB) e do Rio Grande do Norte (UFRN), e recorrerá,

metodologicamente, a estratégias da Avaliação Pós-Ocupação.

Além de identificar ações institucionais voltadas para a QV nestes Campi, espera-se que o trabalho realizado possibilite a elaboração de diretrizes para atuação em áreas similares.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES, R. *Qualidade de vida*: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012. 142p. il. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf>. Acesso em: 03 set. 2013.

CÔRREA, R.L. *O espaço urbano*. Volume 174 de Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1989. 94p.

GEHL, J. *Cidades Para Pessoas*. Tradução Anita Di Marco. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LYNCH, K. *A boa forma da cidade*. Lisboa/Portugal: Edições 70. 2007. 446p.

MAGNOLI, M. M. Espaço Livre – Objeto de Trabalho. In: *Revista Paisagem Ambiente*: ensaios, n. 21. São Paulo: FAUSP, 2006, p. 175 – 198. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>>. Acesso em: 08 set. 2013.

MENDES, J. *Onde viver em Portugal: uma análise da qualidade de vida nas capitais de distrito*. Coimbra: Ordem dos Engenheiros da Região Centro. 1999. 134p.

RODRIGUES, M. A. *Subsídios para avaliação da qualidade ambiental de campi universitários*. Dissertação (Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Civil) UNESP, Campinas: 2002.

RODRIGUES, D.S. *Sistema de informação para avaliação e monitorização da qualidade de vida em campi universitários*. Tese (Escola de Engenharia) Universidade do Minho, Portugal: 2007.

ROMÉRO, M.; ORNSTEIN, S.W. (Org.). *Avaliação Pós-ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social*. Porto Alegre: ANTAC (Coleção HABITARE), 2003.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. de B. *Espaços Livres do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000. 139p.

SANTOS, C. D. dos. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. In: *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 5, n. 1, jan-abr/2009, Taubaté, SP, p. 177-190. Disponível em <<http://www.rbgdr.net/012009/ensaio1.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2013.

VELOSO, M; ELALI, G.A. *Qualidade de vida urbana em Natal: mitos e realidade*. Natal/RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.